

Ulysses é presidente mas só pensa em Constituinte

BRASÍLIA — O deputado Ulysses Guimarães assumiu, ontem, pela 12ª vez, a Presidência da República, desde que foi instalada a Nova República, disposto a atuar como um serviçal da Assembléia Constituinte. Ele pediu licença ao plenário para, mesmo estando no Planalto, poder comparecer à Constituinte para as negociações que estão sendo feitas pelos parlamentares. À tarde, já no palácio, como presidente em exercício da República, convocou uma reunião de lideranças da Constituinte para continuar negociando um acordo que permita a votação dos pontos referentes ao direito de propriedade e da estabilidade no emprego.

Logo depois de assumir a Presidência da República e de se despedir de Sarney, que viajou para o Uruguai e a Colômbia, o deputado Ulysses Guimarães disse que o acordo está muito próximo graças a uma fórmula que, com alguns retoques, poderá garantir a maioria destinada a evitar as dificuldades do chamado buraco negro, onde podem cair artigos da Constituição que não tenham os 280 votos exigidos pelo Regimento Interno da Assembléia.

— A fórmula é o reconhecimento do direito de propriedade, limitado pela função social. Aceitou-se que a indenização, por desapropriação, seja em dinheiro, respeitando-se as disposições já existentes, inclusive as da reforma agrária (as indenizações são feitas em títulos da dívida agrária) — explicou Ulysses.

Defesa — O presidente do PMDB, da Câmara dos Deputados, da Assembléia Constituinte e, até terça-feira, da República, se defendeu da acusação de ser parcial nas causas que interessam ao Centrão. Ulysses disse que

é um árbitro na Constituinte, "onde sempre um lado acha que o outro está sendo favorecido".

— Quinta-feira tivemos um problema, uma dificuldade (não foi possível votar a questão da propriedade). Eu tinha que tomar uma decisão grave envolvendo cerca de 136 pedidos de destaques e eu não podia fazer isso ali, em cima da perna, naquele ambiente tão emocional que tínhamos no plenário. Eu tomei uma decisão de meditar sobre o assunto e fiquei satisfeito porque anunciei uma fórmula hoje que teve aceitação geral, o que mostra que minha decisão foi correta, explicou.

À tarde, no Palácio do Planalto, o presidente em exercício recebeu representantes de todos os grupos da Constituinte. Estiveram com ele os senadores Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Richa, do PMDB, e os deputados Nelson Jobim, Pimenta da Veiga, Bernardo Cabral, José Geraldo Ribeiro e Luis Roberto Pont, do PMDB; e Luis Eduardo Magalhães, do PFL. Foi uma tentativa de fechar acordo para a votação das questões da propriedade e da estabilidade. Não houve acerto, mais uma vez. O único que falou no Palácio do Planalto, depois da reunião, foi Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA), do Centrão, filho do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

— Nós examinamos a proposta de acordo para a questão da propriedade. Mas não vamos fazer acordo sem ouvir todos os integrantes do grupo. Se não for feito o acordo, vamos votar no nosso texto que defende o pagamento antecipado e em dinheiro das desapropriações sem vincular a propriedade aos bens sociais — disse Luis Eduardo.

Brasília — Protásio Nêne



Ulysses diz a deputados que é serviçal da Constituinte

PMDB aumenta pressão pelos quatro anos

Jorge Bastos Moreno

O deputado Ulysses Guimarães está sendo pressionado a assumir uma postura mais objetiva em defesa do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney, a fim de evitar que o grupo histórico, ao qual sempre esteve aliado, deixe o PMDB. Mas, não querendo ter um confronto direto com Sarney, Ulysses invoca sua condição de presidente e árbitro da Constituinte ao justificar sua neutralidade, o que não deixa de ser uma nova posição para quem até pouco tempo defendia cinco anos de mandato para todos os presidentes da República.

Os principais líderes dos históricos reconhecem que, dificilmente, o presidente do PMDB assumirá uma posição, e já se contentam com os sinais emitidos por ele, como por exemplo liberar os parlamentares que o seguem. Meia hora depois de ter recebido o cargo do presidente José Sarney na Base Aérea de Brasília, Ulysses recebeu um telefonema do deputado Manoel Moreira (PMDB-SP). "Presidente, desculpe incomodar, mas não dá mais para segurar, eu vou dizer à imprensa que já estou fechado com os quatro anos".

"Meu caro", ele respondeu, "eu entendo a sua posição e você a minha. Sei que você é de uma região (Campinas) onde essa questão está em efervescência junto à classe média e aos estudantes da Unicamp. Fico grato pela sua gentileza e só lhe sugiro que comunique isso ao Quêrcia antes de anunciar à imprensa". Manoel Moreira não conseguiu falar com o governador de São Paulo, que está doente, mas, através do secretário de governo, Antônio Carlos Mesquita, Orestes Quêrcia ficou sabendo que um de

seus maiores seguidores no Congresso abandonara o barco dos cinco anos.

Surpresa — Antes desse aviso de Manoel Moreira, que foi signatário de uma emenda de presidencialismo misto, Ulysses recebeu, ainda na Câmara, uma comunicação surpreendente do deputado Expedito Machado (CE), um dos mentores do desativado Centro Democrático: esse grupo, integrante do Centrão, resolveu refluir para o PMDB e, o mais importante, submeter-se ao comando do seu presidente. "Somos mais de 50", informou Expedito, ligado ao governador Tasso Jereissati, que administra os 14 votos da bancada cearense.

No círculo íntimo do presidente do PMDB, não há mais ninguém fechado com os cinco anos. Os que não defendem os quatro anos, estão indefinidos, como o líder Ibsen Pinheiro e o deputado Cid Carvalho. Genebaldo Correa (BA) e Fernando Gasparian (SP) foram os primeiros a avisar Ulysses de que queriam quatro anos (Gasparian votou pelos cinco na Sistematização).

Estratégia — Mas a indefinição dos amigos do deputado Ulysses Guimarães é meramente estratégica, objetiva apenas evitar maiores constrangimentos para ele. Na verdade, a maioria deverá votar pelos quatro anos. O caso mais delicado é de Ibsen Pinheiro que, segundo um de seus liderados, vai votar pelos quatro anos, separando essa posição da função de líder, se na época tiver sido reeleito pela bancada.

Ulysses tem conversado, sobre o mandato de Sarney, com lideranças de setores representativos da sociedade, como o presidente da OAB, Márcio Thomaz Bastos. Ontem, ele esteve com um líder empresarial e dele ouviu a mesma ponderação dos pemedebistas que o seguem: o destino do mandato presidencial está em suas mãos, pois, para onde for, um contingente razoável do PMDB o acompanha. O empresário citou o caso do senador Albano Franco (PMDB-SE). E Albano confirma: "Não só eu; muita gente depende do sinal do deputado Ulysses Guimarães."